

“La La Land”: uma análise do colorido na carta de amor de Chazelle à antiga Hollywood¹

Pedro Henrique Araujo BARBOSA²
Vitor José Braga Mota GOMES³

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

A partir do uso das cores, o diretor de cinema é capaz de provocar emoções e reações específicas em seu público. No presente trabalho, estuda-se o filme “La La Land - Cantando Estações” (2016) que se preocupa em homenagear o glamour da antiga Hollywood através de uma explosão coordenada de cores, que aqui constroem uma narrativa além da perceptível pela audiência. Destrincha-se, através de recortes de cenas do filme, os significados que o diretor Damien Chazelle escolhe para essas cores, a partir da “Psicologia das Cores” de Eva Heller sobre as influências do colorido sobre a psique humana.

PALAVRAS-CHAVE: “La La Land”; Psicologia das Cores; audiovisual; linguagem visual; Antiga Hollywood

CORPO DO TEXTO

“La La Land - Cantando Estações” é uma obra cinematográfica de 2016 de direção e roteiro de Damien Chazelle que recebeu quatorze indicações ao Oscar e seis vitórias. O filme é uma homenagem a Los Angeles e aos bastidores do luxuoso cinema hollywoodiano, que acompanha um casal comum e suas frustrações profissionais sem fantasiar a rotina enevoada de duas pessoas estagnadas dentro de seus próprios objetivos.

Mia e Sebastian são espelhos de milhões de artistas que vivem à sombra da sociedade buscando incessantemente destaque e validação. Mia é uma aspirante a atriz frustrada sempre em busca da próxima audição e Sebastian é um músico de jazz que faz bicos em bares e tem o sonho de ter seu próprio clube, repopularizando o gênero para uma audiência jovem. O filme acompanha delicadamente a passagem de ambos do anonimato ao estrelato e como o acesso ao sucesso afastou-os dos próprios sonhos –

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Audiovisual e Interdisciplinaridades, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da Ufal, E-mail: pedro.barbosa@ichca.ufal.br

³ Professor do Curso de Jornalismo da UFAL, E-mail: vitor.braga@ichca.ufal.br

como ocorrido com Sebastian – até que, por fim, um do outro. Como duas retas concorrentes, eles contam apenas com um ponto comum: a ânsia pelo reconhecimento artístico, e assim como elas, o resto de sua jornada é individual, cada um traça seu próprio caminho até o objetivo almejado.

Segundo Costa (2016), diante da comum declaração de que a cor era distrativa para a narrativa realista, ela passou a ser vista justamente como elemento não ajustável. Em uma era onde os diretores de cinema passaram a resgatar tons mais opacos em suas obras, Chazelle confia em recursos gráficos vibrantes para contar sua história seguindo as estações que costuram o filme, adicionando à narrativa uma camada extra. As cores funcionam como roteiristas nessa obra, verdadeiros guias visuais que permeiam o despertar e o desfecho do relacionamento de Mia e Sebastian e explodem na maior porcentagem do filme, quase que como um lembrete de que tudo aquilo que é fantasticamente colorido é irreal, exatamente como o “felizes para sempre” dos protagonistas.

À Mia é entregue a cor azul, frequentemente presente em seu vestuário durante o filme: em um casaco na primeira audição que participa, em um vestido enquanto procura alguém que revire a quietude de sua vida em “Someone In The Crowd” e em um cardigã quando cantarola “Audition (The Fools Who Dream)” em sua canção de despedida do filme. Sebastian aqui representa o vermelho. Na cena em que dialogam pela primeira vez, ele veste jaqueta e óculos vermelhos e um teclado de mesma cor transpassa seu corpo. Mia sonha em ser uma atriz famosa, mas trabalha como garçonete, quando ela serve uma em seu emprego, a atriz veste vermelho e Mia está por trás de um balcão azul (Fig. 1); quando ela vislumbra seu futuro cantando para um espelho, ela veste azul sob luz vermelha; quando conhece Sebastian, ela atravessa a porta vermelha de um restaurante, com o mesmo vestido e o encontra performando canções natalinas descontente em um terno também azul (Fig. 2).

Figura 1: Mia serve atriz de vermelho por trás de balcão azul.



Fonte: Lionsgate, 2016.

Figura 2: Mia, de azul, atravessa uma porta vermelha e encontra Sebastian tocando piano de terno azul.

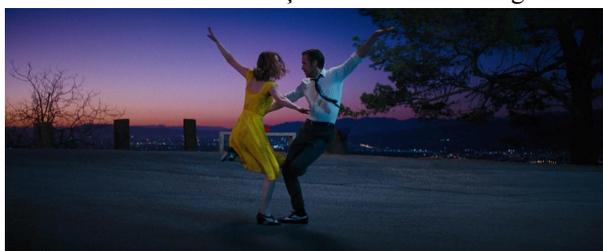


Fonte: Lionsgate, 2016.

Heller (2021) diz “Do amor ao ódio - o vermelho é a cor de todas as paixões, as boas e as más.” e se dedica a explicar em um subcapítulo as razões pelas quais a cor azul se associa à frieza. Em “La La Land”, porém, essas cores não abraçam emoções, o vermelho não representa raiva ou paixão e o azul não expressa ausência de sensibilidade ou simpatia, aqui eles funcionam como códigos para contar essa história, como a retranca resume uma pauta. O azul de Mia representa os sonhos, a persistência em se manter fiel ao que almeja, a luta contra o mundo para viver a sua realidade imaginada. Em paralelo, o vermelho de Sebastian exprime a realidade, a submissão ao mundo que o engole, a opção pelo caminho mais fácil. Após se aproximarem, Mia é quem acrescenta discretamente o vermelho à sua paleta de cores em algumas peças do seu vestuário como bolsa, blusa e jaqueta.

O poster de “La La Land” conta com um *frame* da sua cena mais conhecida, a primeira intimista dos protagonistas, quando Mia e Sebastian cantam e dançam “A Lovely Night”, sob a esplendorosa vista de Los Angeles (Fig. 3) que desta vez apresenta ao telespectador uma cor inédita: o violeta.

Figura 3: Mia e Sebastian dançam sob uma Los Angeles violeta.



Fonte: Lionsgate, 2016.

"O azul com vermelho dá roxo", foi assim que Xuxa (2001) apresentou a teoria das cores a milhares de crianças brasileiras, mas em 2016 foi a oportunidade de Chazelle de comunicá-la ao público cinéfilo. Nas cenas de maior intimidade e vulnerabilidade entre a aspirante a atriz e o jazzista é essa explosão que alcança primeiro as telas. O roxo ou violeta agora invade os lugares, no céu californiano, no

vestido de Mia e nas latas de lixo quando Sebastian a busca em casa pela primeira vez. Ele representa o romance.

Quando Mia embarca na canção “City Of Stars” (Fig. 4), apresentada anteriormente apenas por Sebastian, percebe-se que se inicia uma nova jornada nesse relacionamento, há um peso adicional a essa relação, o que era dele agora pertence a ambos, e por trás dos dois, nas cortinas da casa que dividem, reparamos o verde. Mudança agora é observada e caracterizada pela cor verde, sempre que eles mudam de direção lá está ela: no trabalho de Mia quando eles dividem experiências passadas pela primeira vez; quando ela, vestindo verde, deixa o jantar desinteressante com seu namorado para acompanhar Sebastian no cinema; na luz que ilumina as paredes externas do planetário, minutos antes de se beijarem pela primeira vez; e em sua primeira briga quando percebemos a relação deles estremecer, curiosamente, nas mesmas cortinas que nos fizeram reparar na cor que antes passara despercebida.

Figura 4: Mia e Sebastian cantam uma reprise de “City Of Stars” em cortinas verdes.



Fonte: Lionsgate, 2016.

O amarelo também exprime a mesma função do verde, aparece sempre em momentos que alteram o curso do filme: no vestido de Mia quando performa “A Lonely Night”; quando Keith, a personagem de John Legend, convida Sebastian para uma banda; na roupa da jurada na audição em que Mia ganha seu primeiro papel de sucesso; e quando Sebastian compra seu clube, ela se destaca na camisa do vendedor.

O sucesso do filme se encontra na combinação de todas essas cores para compor seu enredo, principalmente pela aplicação da Technicolor, técnica de coloração de películas cinematográficas popularizada entre os anos 30 e 50 em Hollywood, suas principais características eram justamente as cores vibrantes e extremamente saturadas. A música de abertura do filme “Another Day Of Sun” (Fig. 5) conta com a linha “mundo Technicolor feito de música e máquinas”, reverenciando a tecnologia reaproveitada e se conectando com essa era do cinema estadunidense tão homenageada nesta obra.

Figura 5: Música de abertura “Another Day Of Sun”, representando a Technicolor.



Fonte: Lionsgate, 2016.

Durante a trajetória de Mia, as cores vão aos poucos se esvaindo e não vibram mais da mesma maneira, esse movimento representa, segundo Zophres (2017), o amadurecimento da sua personagem, elas já não são mais tão importantes para contar sua história. Para Sebastian, desta vez, o processo é similar, sempre que ele se encontra fora dos trilhos, perseguindo o caminho mais curto e menos sonhado até o sucesso, seu mundo é coberto por saturação, já quando se encontra no mundo do jazz, que tanto sonhou para si mesmo, as cores são mais opacas e contraídas, o seu habitat não precisa dessas firulas para funcionar.

Para terminar de analisar “La La Land” é importante reconhecer o poder que esta expressão exerce sobre a obra. “Lalaland” é um espaço fictício que retira as pessoas da própria realidade e traz à tona ideias absurdas e abstratas, o termo é utilizado para expressar alguém que está desatento ou obcecado com algo. O filme constrói seu enredo em torno de duas obsessões: o jazz e a antiga Hollywood. Justin Hurwitz fala sobre como os musicais clássicos foram essenciais para essa construção, como obras de Gene Kelly, Fred Astaire e Ginger Rogers.

Apesar da profunda inspiração em outras obras, o longa-metragem foi capaz de criar uma roupagem inusitada para o gênero e ao mesmo tempo se desvincular do caráter clichê dos romances atuais, fugindo de toda a irrealidade e utopia do cinema romântico contemporâneo e se misturando com as cores, que contam uma história além do *script*.

O ensinamento deixado por “La La Land” é claro: deve-se colocar os sonhos sempre em primeiro plano, apesar dos sacrifícios necessários de se fazer durante o caminho até o sucesso. Nem toda história de amor tem um final feliz e, apesar de os protagonistas não permanecerem juntos até o fim da trama, o sorriso trocado por eles na última cena, onde uma iluminação se diverte entre o azul e o vermelho, estabelece que o

sucesso tão almejado finalmente veio e que as perspectivas de realização não precisam englobar apenas a eternidade de um romance. Mia encontrou sucesso em sua carreira e na construção de sua família e Sebastian o alcançou na abertura de seu próprio clube de jazz. Mas ao final da cena, Mia para, desta vez sob uma luz violeta (Fig. 6), e examina que eles jamais alcançariam seus sonhos se não tivessem cruzado um ao outro.

Figura 6: Mia sorri para Sebastian sob luz violeta na cena final do filme.



Fonte: Lionsgate, 2016.

A canção “Audition (The Fools Who Dream)” exprime com excelência a importância exercida pelos sonhos e aqueles que os acompanham na trajetória de vida de cada indivíduo. “E essa é para os loucos que sonham, por mais malucos que possam parecer. Essa é para os corações partidos, essa é para a bagunça que fazemos” canta Emma Stone.

REFERÊNCIAS

COSTA, Maria Helena Braga e Vaz Da. **A Cor no Cinema: signos da linguagem**. Natal-RN: Revista Cronos, v. 1, n. 2, p. 132, publicado em 29/11/2016.

HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Editora Olhares, São Paulo, 2021.

XUXA. **XSPB 2**. Som Livre, 2001.

La La Land - Cantando Estações. Direção: Damien Chazelle.
Produção: Fred Berger, Jordan Horowitz, Gary Gilbert, Marc Platt. Summit Entertainment, 2016. 128 min, cor.

La La Land (2016 Movie) Official Featurette – The Look. Youtube: Lionsgate Movies, 2017.